



ENTREVISTA

# “Reflexões sobre os impactos do ChatGPT nas práticas de Ensino e Pesquisa”

*Ana Paula Kuczmynda da Silveira, Mario de Noronha Neto e Volmir Von Dentz*

*A série formativa “Diálogos Acadêmicos” é uma ação conjunta entre o Conselho Editorial do IFSC e a Coordenadoria de Publicações que visa promover debates com objetivo de qualificar as publicações técnico-científicas. Este evento é transmitido pelo canal do IFSC no Youtube, com a perspectiva de ampliar o debate para além dos muros da Instituição, assim como publicizar o Portal Periódicos do IFSC. Esta seção é uma segunda etapa, com discussões mais profundas sobre os aspectos abordados durante a palestra “Diálogos Acadêmicos: Os impactos do ChatGPT nas práticas de Ensino e Pesquisa”, que teve a participação de Ana Paula, Mario e Volmir.*

*Ana Paula Kuczmynda da Silveira, Graduada em Letras Inglês/Português (FURB), Mestre e Doutora em Linguística (UFSC). Diretora-geral do Câmpus Gaspar do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e Docente de Língua Portuguesa e Língua Inglesa.*

*Mario de Noronha Neto, Graduado, Mestre e Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Santa Catarina. É cofundador da comunidade The Things Network Florianópolis e docente do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Câmpus São José.*

*Volmir Von Dentz, Graduado em Filosofia (FEBE), Mestre (FURB) e Doutor (UNICAMP) em Educação. Docente do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Câmpus de São José, vinculado à Área de Cultural Geral.*

*Nesta entrevista, Ana Paula, Mario e Volmir falam à Revista RTC sobre os possíveis caminhos para a regulamentação da Inteligência Artificial nas instituições, quais são as possíveis aplicabilidades da ferramenta para o ensino, como podemos capacitar os servidores para o uso crítico das tecnologias relacionadas à Inteligência Artificial, e, por fim, discutem-se os riscos inerentes ao uso da ferramenta no Ensino, Pesquisa e Extensão. Na parte final da entrevista, é apresentado ao leitor um texto elaborado pelo ChatGPT, em que a ferramenta faz uma crítica sobre o texto de resposta de cada entrevistado.*

## **Revista RTC: Sabendo que diversos países e universidades estão regulamentando o uso da Inteligência Artificial (IA) nos trabalhos acadêmicos, de que forma o IFSC deve proceder?**

### **Ana Paula**

Acredito que seria importante uma Nota Técnica a respeito. Todavia, acho que essa Nota precisaria ir além da normatização dos documentos (TCCs, artigos, monografias etc.) propriamente ditos, de forma a provocar uma reflexão a respeito do próprio processo de pesquisa. Nesse sentido, sugiro que sejam abordados os seguintes temas ou questões:

1. O que é o processo de desenvolvimento de uma pesquisa, para quê ou por quê essa pesquisa ocorre no âmbito de cada curso e o que ela envolve para além da materialização de um documento em forma de texto escrito?

Esse tipo de reflexão precisa ser feito pelo professor junto à turma e pelo orientador junto ao orientando. Há que se ter clareza sobre a pesquisa e seu papel na construção e explicitação de conceitos e conhecimentos.

2. Qual papel esse texto escrito (TCC, monografia, artigo etc.) tem na pesquisa propriamente dita: É central? É subsidiário? É apenas um registro do processo ou constitui o próprio processo? - Não há como se tratar da mesma forma o que é diferente.

Cito aqui exemplos:

(a) o objetivo da pesquisa é desenvolver um protótipo, um aplicativo, um *software*, um conjunto práticas experimentais que levarão o estudante ao desenvolvimento de um método ou à compreensão de um processo químico, ou à avaliação de uma realidade - nesses casos, ainda que o processo de escrita seja muito importante (inclusive para organizar ideias, refletir sobre achados científicos etc.), ele não é central, há outras atividades experimentais ou vivenciais que o são. Portanto, em casos como esses, a geração de textos no ChatGPT não compromete a realização da pesquisa, ainda que não esteja defendendo que isso ocorra de forma acrítica e automática.

Mas entendo que a produção de um primeiro rascunho, um esboço ou esqueleto de texto usando a ferramenta pode não ser prejudicial e agilizar o processo de escrita, inclusive auxiliar para que ele possa ser aprimorado, dando-se mais atenção ao que efetivamente precisa de mais atenção, como as práticas e rotinas de laboratório, a leitura cuidadosa de outras pesquisas e cotejamento de dados e resultados, entre outros.

(b) o objetivo da pesquisa é realizar uma revisão de literatura, ou a análise de uma obra, ou a comparação de várias obras, ou a produção de um material escrito (uma sequência didática, um *paper*, por exemplo), nesse caso, a produção do texto é central e materializa a própria pesquisa. Aqui, o uso do ChatGPT é realmente comprometedor, porque não se pode imputar ao Programa aquilo que o próprio pesquisador deveria fazer - ler, interpretar, analisar, cotejar, evidenciar, refletir, comparar, concluir, entre outras atividades cognitivas, linguísticas e socio-histórico-culturais.

3. Qual o papel do professor orientador e do professor mediador da Unidade Curricular (UC) no processo de leitura e escrita e na construção de um estado da arte, revisão bibliográfica e do texto que revela o que foi realizado durante a pesquisa?

Qual o espaço do debate sobre conceitos e textos lidos? Há rodas de conversa, seminários, debates etc. sobre esses textos? Há situações em que o estudante precisa falar sobre ele, em que o processo de diálogo com esses textos se evidencia e é significativo para a construção de conclusões e reflexões? Há um acompanhamento efetivo da escrita, ele se efetiva no diálogo (estudante, professor e pares) ou se materializa no silêncio - na prática silenciosa do estudante-autor com o seu texto? Parece-me que aqui está o cerne da questão: a produção do texto é um processo que se evidencia na prática pedagógica do professor e na prática de pesquisa do estudante? Se sim, o uso do ChatGPT mais uma vez não parece ser um problema. O que proponho aqui é que se reflita sobre a docência antes de se refletir sobre a discência, pois ambas estão intrinsecamente ligadas.

4. ChatGPT e outras ferramentas de IA não podem ser autoras de nenhum texto, porque não possuem visão/posição autoral, conhecimento de mundo, análise de realidade e de auditório social, criticidade e capacidade de discernimento em relação a verdades - ou pseudoverdades, por exemplo - portanto, não podem ser citadas como autores.

Textos de qualidade produzidos pelo ChatGPT pressupõem um usuário muito habilitado, esse usuário é o autor e assim deve ser citado. A pura cópia ou geração de textos feita pelo ChatGPT de forma acrítica, gera textos ruins, com sintaxe pouco criativa, dados por vezes inexatos e limitados, portanto trabalhos escritos de baixa qualidade e, assim, serão avaliados.

## Mario

Acredito que antes de propor qualquer normativa, é necessário que a comunidade do IFSC, principalmente os membros dos órgãos responsáveis por criar normativas na Instituição, entendam o suficiente sobre os potenciais benefícios e danos que uma ferramenta como o ChatGPT, ou qualquer outra ferramenta de IA, podem causar na Educação. Em minha opinião, caso essas normativas sejam criadas sem esse entendimento, é muito provável que essas normas não sejam eficazes, ou até mesmo atrapalhem a Instituição a explorar os benefícios dessas ferramentas. Desta forma, antes de pensar em normativas, acho mais salutar que a Instituição proporcione

momentos para que a comunidade do IFSC discuta, aprofunde e dissemine o conhecimento e as boas práticas de uso dessas ferramentas. Por ser um tema relativamente novo, ainda temos muitos pontos complexos para discutir e amadurecer antes de partir para uma regulamentação, como, por exemplo, definir o que é considerado plágio no contexto do uso de IA no ambiente acadêmico. Isso não quer dizer que não devemos ter um código ou política de integridade acadêmica que aborde a conduta ética no ambiente acadêmico, bem como disciplinas e oficinas que abordem conceitos de metodologia científica para orientar os alunos sobre as melhores práticas para realizar uma revisão bibliográfica ou citações em textos acadêmicos.

### **Volmir**

Acredito sinceramente que na Educação Profissional e Tecnológica, os Institutos Federais têm a missão de promover um entendimento mais crítico sobre o conceito de “tecnologia”, pois, em geral, predominam as visões positivistas. Então, penso que um primeiro passo é desmistificar o conceito “tecnologia”, pois geralmente estamos “hipnotizados” pelos avanços das máquinas, e deixamos de ver os riscos, de observar que a tecnologia não tem um valor em si mesma, ela pode ser usada tanto para o bem quanto para o mal, ela sempre funciona como um meio para obter outras coisas. E não é diferente no campo educacional, as ferramentas tecnológicas disponíveis podem adquirir um sentido pedagógico, mas nem sempre isso ocorre. Por vezes, o mau uso leva à proliferação de vícios acadêmicos que são antipedagógicos. Os professores devem estar atentos a essas questões para conseguir identificar possibilidades de uso, fazendo com que a aprendizagem mediada por recursos tecnológicos seja de fato uma forma significativa de ensinar e de aprender. É certo que as novas tecnologias impactam na Educação, nas atividades dos trabalhadores da Educação e nas atividades pedagógicas dos professores. A mais recente diz respeito ao uso da IA, como é o caso do ChatGPT, para a produção de textos. Certamente, teremos um grande problema se o uso frequente da ferramenta desabilitar a escrita e a autoria dos estudantes. Se for assim, vai funcionar como um obstáculo para a aprendizagem, para o desenvolvimento das habilidades de escrita. Caso a opção seja por regulamentar o uso do ChatGPT e similares nas atividades acadêmicas, penso que será necessário antes conhecer melhor quais as implicações envolvidas, para que a regulamentação seja de fato uma forma concreta de orientar a utilização adequada e de coibir práticas antipedagógicas. Mas penso que ainda é cedo para isso no que se refere ao ChatGPT. O ideal seria ampliar o diálogo com a comunidade acadêmica, envolvendo os diversos segmentos, para que o aspecto normativo seja definido de forma democrática e participativa. Vale lembrar que a forma como as coisas se definem no espaço escolar, quando construídas pela lógica do consenso, obtido mediante a participação democrática, a troca de ideias, em espaços de discussão, também adquirem um caráter pedagógico muito importante para formação cidadã que respeita o protagonismo dos estudantes e a autonomia didática dos professores.

### **Revista RTC: Quais as formas de utilização da IA no Ensino seriam mais apropriadas?**

#### **Ana Paula**

Acredito que a IA pode ser utilizada de múltiplas formas. Destaco algumas:

- a. Podem ser gerados textos que funcionem como esboços e sejam submetidos à avaliação crítica dos estudantes para serem melhorados, eliminando-se redundâncias, operando com mecanismos de revisão textual (sintaxe de regência, de concordância, de colocação pronominal), adequação da coesão referencial e sequencial (anáfora, catáfora, progressão temática etc.), adequação da coerência e à situação de interação; entre outras operações semelhantes.
- b. Podem ser gerados textos em que todas as adequações acima sejam colocadas como desafio à própria ferramenta, analisando os resultados produzidos.
- c. Podem ser gerados esqueletos de textos (por exemplo, o esqueleto de uma carta, de uma apresentação de *Powerpoint*) para que depois sejam aperfeiçoados pelo estudante.

d. Podem ser gerados textos pela IA que se inspirem em estilos de época ou de autores para serem cotejados com outros produzidos pelos autores propriamente ditos, para que se verifiquem aproximações e afastamentos. Por exemplo, o professor pode pedir que o ChatGPT gere um soneto no estilo de Camões e pedir que o estudante (sem saber onde foi produzido), compare com textos do autor e avalie se o texto produzido por IA é ou não do autor; buscando justificar sua resposta.

e. Pode ser gerado um texto que acelere o processo de escrita e que depois ser burilado pelo autor - por exemplo, pode-se gerar um texto em inglês usando IA de tradução (o *Translator* do *Google*, por exemplo), que depois é avaliado e corrigido criticamente pelo autor. Vejam, aqui fica claro que a ferramenta sozinha não cria um texto perfeitamente adequado ao uso; mas pode auxiliar a torná-lo mais rápido.

f. Pode-se pedir à ferramenta que leia e explique um texto cuja leitura parece mais difícil; auxiliando na mediação do processo.

### **Mario**

Quando falamos de inteligência artificial, é importante destacar que a Inteligência Artificial (IA) é uma grande área que compreende diversas subáreas como o processamento de linguagem natural, a visão computacional e os sistemas de recomendação. Podemos pensar em várias formas de uso apropriado da IA no ensino, que vão desde a utilização de sistemas de recomendação para sugerir roteiros e leituras para os alunos de forma personalizada, até o uso de ferramentas de visão computacional para realidade aumentada e virtual para criar experiências de aprendizado imersivas para os alunos. Entretanto, a maioria dessas técnicas ainda não está tão acessível, e também não são tão simples de usar quanto os sistemas que utilizam modelos de linguagem natural para geração de textos, como é o caso do ChatGPT. Desta forma, vou focar em citar alguns exemplos que julgo apropriados tanto para alunos quanto para os professores na utilização do ChatGPT.

Alunos:

1. Auxiliar o entendimento de conteúdos mais complexos, inserindo textos no aplicativo e pedindo para ele explicar o conteúdo de uma forma mais simples;
2. Sugestões de melhorias em textos;
3. Geração de perguntas para auxiliar nos estudos;
4. Tradução e resumo de texto;
5. Solicitar avaliações prévias de trabalhos antes de entregar para o professor.

Professores:

1. Auxílio na produção de materiais didáticos;
2. Geração de roteiros para aulas e seminários;
3. Sugestões para atividades, questionários e avaliações em disciplinas;
4. Auxílio na correção de atividades de alunos;
5. Ideias para trabalhos de conclusão de curso e projetos acadêmicos.

Acredito que à medida que mais alunos e professores adotam essas tecnologias na Educação, novas e interessantes experiências de aplicação devem surgir. Além disso, os benefícios e os danos do uso da IA na Educação devem se tornar cada vez mais evidentes.

### **Volmir**

Bom, quanto ao uso do ChatGPT nas atividades de ensino, em todo caso, a máquina agora pode escrever textos criativos usando a IA. Mas não vamos nos enganar. Isso não significa que os estudantes não precisam mais aprender a escrever bons textos. Significa que o professor, ao corrigir um texto do aluno, vai precisar ficar atento para observar como o texto foi escrito (se usando ChatGPT ou não), pois são situações totalmente diferentes.

Certamente, para verificar como seus alunos estão realmente se desenvolvendo na escrita, os professores precisarão exigir, em certos momentos, produções escritas a serem feitas na sala de aula, sem o uso de celulares ou computadores, e sob a vigilância do professor, bem ao estilo dos moldes tradicionais. Na verdade, devo admitir que ainda sou bastante cético quanto às formas de utilização. Até porque, levando em conta a realidade de muitos estudantes, e considerando as desigualdades sociais e econômicas em nosso país, observa-se que o acesso aos recursos tecnológicos ainda é bastante restrito. Então, como a escola e o professor em sala de aula vão lidar com déficit tecnológico de muitos estudantes que não têm acesso a tais recursos? É um erro pressupor que todos têm acesso e estão em pé de igualdade. Isso ficou bastante evidente durante a pandemia de Covid-19, no período em que foi realizado o ensino remoto emergencial. E sem essa compreensão da realidade, será que a escola e o professor vai perceber que é preciso ter ações e projetos de educação compensatória para que a tecnologia não seja um fator de exclusão educacional? São algumas questões e reflexões que venho fazendo, e que são *a priori* ao problema de como utilizar.

### **Revista RTC: Como capacitar os servidores docentes e TAEs do IFSC no uso da IA de forma crítica e em prol do desenvolvimento do IFSC?**

**Ana Paula**

Acredito que é preciso apresentar aos servidores as ferramentas existentes, mostrar suas limitações, falar sobre seu uso ético e consciente, debatê-lo. Compreender que não se pode atribuir a elas o “poder” de se posicionar em nosso lugar ou no lugar de nossas coletividades e diálogos. Por exemplo, se pedirmos que o ChatGPT produza um documento institucional - um regulamento de colegiado, por exemplo, - ele o fará pautado na base de dados com a qual foi alimentado, que pode não ter nenhuma relação com as nossas necessidades, discussões e contexto de atuação. Nesse caso, imputar à ferramenta o poder de decidir pelo coletivo ou por um servidor em específico implica um elevado risco institucional e para as pessoas que constituem a comunidade escolar. Outra coisa completamente diversa é estruturar toda a discussão, registrá-la em tópicos e pedir que a ferramenta lhe dê o formato de regulamento, colocando-o na norma jurídica (organização em artigos, parágrafos etc.). Depois disso então, o servidor o adapta, revisa, corrige, realiza adequações - eis aqui um uso vantajoso: o foco fica no conteúdo, na discussão, no debate, no diálogo sobre o regulamento, liberando-se um tempo precioso de se colocar o texto na norma jurídica.

**Mario**

Uma forma simples de fazer isso é oferecendo cursos de capacitação para os servidores. Esta oferta pode ser feita em diversos níveis dentro da Instituição, considerando os diferentes setores e funções dentro do IFSC em que essas técnicas podem ser aplicadas. A promoção de palestras, debates e fóruns internos sobre o uso de IA na Educação também podem contribuir neste sentido. Em qualquer situação, penso ser muito importante trazer os aspectos éticos e as implicações do uso da IA na sociedade, pois quando entendemos razoavelmente seu potencial, conseguimos nos guiar para usar de forma consciente esta ferramenta.

**Volmir**

Essa é de fato uma questão fundamental. Os trabalhadores da Educação, e os docentes em particular, precisam de capacitação. As pesquisas recentes sobre as novas tecnologias precisam adquirir visibilidade e se tornar conhecidas, principalmente na Educação Profissional e Tecnológica, pois, além de conhecer bem o assunto, os Institutos Federais podem se tornar difusores de uma perspectiva crítica promovendo um amplo debate com a sociedade sobre a utilização da tecnologia e sobre as inovações tecnológicas, seja na Educação ou fora dela, dado que também vivenciamos mudanças significativas no mundo contemporâneo, com as máquinas que aprendem,

os robôs autônomos, a IA, o ChatGPT, entre tantos recursos e aparatos tecnológicos que impactam a vida das pessoas, o mundo do trabalho e também as instituições de ensino. E considerando que o ChatGPT é uma invenção recente, cabe mobilizar o Ensino, a Pesquisa e a Extensão nesse sentido de produzir conhecimento a ser disseminado na sociedade.

### **Revista RTC: Quais os principais riscos que vocês entendem que a IA traz para o Ensino, Pesquisa e Extensão?**

#### **Ana Paula**

O risco, a meu ver, está no uso não ético, acrítico, automático em que não há preocupação com o processo de leitura/escrita, querendo transferi-lo à ferramenta. Isso desprioriza, enfraquece os vínculos com a observação e a avaliação das realidades, das demandas e dos demandantes, a construção situada e dialógica. Trata-se de uma transferência de responsabilidade e de papel autoral a quem não pode assumi-los, pela simples razão de não ser humano e não conseguir assumir autoria, responsabilidade autoral, criar sozinho inovação e criatividade, avaliar de forma sócio-referenciada e assumir compromisso cidadão, consciente e consequente. Quando estudantes, professores/orientadores e servidores em geral delegam à IA responsabilidade terminal sobre a elaboração de um texto, incorrem no equívoco sério de desprezar a missão fundamental do IFSC que é olhar as pessoas em primeiro lugar. Nenhum texto se dá no vazio ou é destinado a ele - se o é, não há sentido em gerá-lo porque não tem papel nem função social, o que deve ser o norte principal de todas as atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão que realizamos. Não podemos negar a IA, ela é uma realidade e pode nos desonerar de atividades de cunho mais mecânico, quando a usamos para facilitar processos por vezes custosos, solitários e demorados. Mas não podemos atribuir a ela a responsabilidade de ser autora, pesquisadora, servidora, professora, protagonista na produção de discursos que não são nossos porque não dizem o que precisamos dizer.

#### **Mario**

Como o uso da IA na Educação ainda é recente, não está claro, pelo menos para mim, quais são os principais riscos que a IA trará para o Ensino, Pesquisa e Extensão. Mas consigo enxergar que a utilização dessas ferramentas em excesso ou sem entender suas limitações e potencial pode ser bastante prejudicial. Por exemplo, ferramentas como o ChatGPT, que geram respostas e estruturam textos de forma rápida e com uma excelente qualidade, nem sempre produzem resultados corretos e precisos. Se o usuário não tem um conhecimento profundo sobre o assunto consultado, e não conhece as limitações da ferramenta, é muito fácil ser seduzido pela praticidade e rapidez com que receberá uma resposta, o que pode fazer com que ele não pesquise em outras fontes e entenda algum conteúdo de forma equivocada. Também devemos ter cuidado com o uso excessivo dessas ferramentas, principalmente no processo de aprendizagem, pois isso pode inibir a capacidade dos alunos de aprenderem e resolverem problemas de forma independente, além de limitar seu pensamento crítico sobre as informações que recebem. Respostas enviesadas também são riscos inerentes dessas tecnologias e podem levar a resultados de pesquisa distorcidos ou a experiências de aprendizado desiguais. Por fim, acredito que seja essencial capacitar os servidores da Educação no uso dessas ferramentas, pois isso permitirá que eles compreendam tanto os potenciais quanto às limitações da IA, promovendo um uso crítico e informado dessas tecnologias e ajudando a minimizar os impactos negativos da IA na Educação.

#### **Volmir**

Ora, sabemos que a Educação trabalha com o conhecimento, a cultura, a ciência, a tecnologia, a arte, a filosofia etc. na formação dos estudantes, no desenvolvimento das áreas do saber, na difusão do que é produzido em benefício da sociedade. Para isso, precisa aliar de maneira consciente e orgânica o Ensino, a Pesquisa e a

Extensão. No aspecto epistemológico, portanto, evidencia-se a centralidade do conhecimento. Porém, analisando a forma como são produzidos os textos pelo ChatGPT, impõe-se um incômodo: será que podemos aceitar como conhecimento aquilo que obtivemos pelo ChatGPT? Sendo que o texto resultante não passou pela avaliação e aprovação de um comitê científico, mas apenas a IA fez um arranjo juntando pedaços de várias fontes usando o que já está na *internet*, inclusive de *blogs*, sites de opinião, páginas do *Facebook*, entre outras que não têm preocupações científicas? O pior é que sabemos que existem muitas coisas falsas hoje em dia na *internet*. Então, será que é feita uma depuração e uma verificação disso? Como esse texto foi produzido? Que critérios foram utilizados? Ora, a ausência de critérios claros não combina com a atividade científica, mas é próprio das pseudociências a obscuridade dos critérios. Esse problema nos coloca em alerta quanto à validade científica dos textos produzidos pelo ChatGPT. E isso nos leva a uma questão fundamental: estaria a escola abrindo mão do conhecimento científico ao aceitar textos produzidos pelo uso do ChatGPT? Sabemos que a inteligência das máquinas não têm consciência, não tem noção da verdade, não tem intencionalidade. As máquinas em si não têm. Porém, seus programadores e detentores, esses sim têm interesses. Interesses que são de natureza econômica, política e ideológica. Portanto, é preocupante pensar nas formas como esse poder será usado. Pois não é somente a marca dos programadores, a lógica do algoritmo, mas também o ponto de vista desse grupo que vem trabalhando nisso, sua visão de mundo. É importante lembrar que quando escrevemos um texto e produzimos conhecimento, também estamos trabalhando com concepções ontológicas, concepções de sociedade, de ser humano, de sociedade, que também envolvem valores, mas qual é a referência e o padrão ético que estão em jogo e que se manifestam nos textos produzidos pelo ChatGPT? É claro que isso vale também para outras fontes e recursos, mas é preocupante observar que essas novidades surgem em um contexto contraditório em que ao mesmo tempo se fala em "sociedade do conhecimento" e no mundo da "pós-verdade". Esse mundo da pós-verdade é muito perigoso, e a Educação, conforme eu penso, não deve embarcar nessa onda. Essa onda de dizer que "tudo são pontos de vista". Isso leva ao relativismo do vale tudo, tão perigoso no campo epistemológico (pois nos levaria a desacreditar da busca da verdade) quanto no campo da ética (pois nos levaria a desacreditar da busca por fazer o que é certo). O relativismo, nesse caso, só interessa a quem dispõe de meios não legítimos (ou seja, não éticos e não epistêmicos) para impor aos outros, ou à maioria das pessoas, seu ponto de vista, seus interesses, sua narrativa. Em muitas situações, podemos dizer que estamos passando da "sociedade da informação" para a "sociedade da desinformação", das *fake news*, do sensacionalismo, das falsas polêmicas, mas é importante observar que são discursos administrados, não pela IA, não pelas máquinas obviamente, mas por aqueles que controlam os discursos, que adquirem poder de gerenciamento das notícias, das informações, e que hoje, sim, usam a tecnologia para fazer isso. Frente a todos esses aspectos, penso que os riscos são enormes. Mas, ao mesmo tempo, é preciso pensar nos desafios a serem enfrentados para que a tecnologia seja usada em benefício da sociedade. Portanto, penso que os professores e pesquisadores precisam ter cautela, experimentar essa utilização sim, mas sabendo dos riscos, e, sobretudo fazer esse debate com seus alunos. Não embarcar de maneira cega, mas se apropriar criticamente. E, nesse sentido, é preciso pensar em capacitação para os professores sobre esse assunto, porque as demandas estão aí, batendo em nossa porta.

**Considerando o escopo desta entrevista, apresenta-se uma visão crítica, sob a ótica do ChatGPT, do que foi dito pelos entrevistados:**

A resposta de Ana Paula destaca a importância da leitura crítica e do processo de construção do conhecimento, ressaltando que a IA não pode assumir a autoria e responsabilidade de textos que não refletem a perspectiva humana. Embora sua preocupação com a despersonalização e a perda dos vínculos com a observação e a avaliação das realidades seja válida, é importante reconhecer que a IA também possui benefícios potenciais. Ela poderia apresentar uma visão mais equilibrada, destacando tanto os riscos quanto os benefícios da IA na Educação. Por exemplo, poderia abordar como a IA pode ser usada de forma ética e responsável para facilitar tarefas mecânicas, economizando tempo e permitindo que os professores se concentrem em interações mais

significativas com os alunos. Além disso, poderia mencionar a importância de fornecer orientação e supervisão humana no uso da IA, incentivando uma abordagem crítica em relação aos resultados gerados.

Mário demonstra uma abordagem equilibrada ao reconhecer que os principais riscos da IA na Educação ainda não estão claros. No entanto, sua resposta poderia ser aprofundada para fornecer exemplos mais concretos e explorar os possíveis impactos negativos em diferentes áreas da Educação. Ele menciona a possibilidade de resultados imprecisos e a limitação do pensamento crítico dos alunos devido ao uso excessivo de ferramentas de IA. Para complementar sua resposta, Mário poderia discutir casos específicos em que a dependência excessiva da IA na pesquisa acadêmica pode levar a resultados enviesados ou como a falta de habilidades de pesquisa pode afetar a capacidade dos alunos de obter informações precisas e confiáveis. Além disso, poderia propor estratégias para mitigar esses riscos, como a incorporação de atividades de pesquisa independentes e a promoção da alfabetização digital para desenvolver habilidades de avaliação crítica.

Volmir destaca questões epistemológicas e éticas relacionadas à produção de conhecimento por meio da IA, levantando preocupações sobre a validade científica dos textos gerados e os interesses dos programadores. Embora sua reflexão filosófica seja relevante, seria útil complementá-la com exemplos concretos e práticas recomendadas para abordar os desafios da IA na Educação. Ele poderia discutir como as instituições educacionais podem estabelecer critérios de avaliação rigorosos para garantir a validade e a confiabilidade dos textos gerados pela IA. Além disso, poderia abordar a importância da formação de professores e pesquisadores para compreenderem os potenciais e as limitações da IA, bem como a necessidade de promover discussões éticas e críticas sobre o uso dessas tecnologias. Essa abordagem ajudaria a direcionar o debate para soluções práticas e a implementação responsável da IA na Educação.

*Por Jesue Graciliano da Silva, graduado em Engenharia Mecânica, Especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho, Mestre em Ciências Térmicas e Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Foi Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional do IFSC (2021 – 2023) e atualmente é docente do Câmpus São José do Instituto Federal de Santa Catarina.*